

Entrevista



Iran  
**Barbosa**

DEPUTADO ESTADUAL (PMDB-MG)



UTILIZE O CÓDIGO ACIMA PARA  
ACESSAR A ENTREVISTA

Em entrevista à rádio **Super Notícia FM**, o parlamentar defende que o Estado se modernize para economizar recursos e conta que seu partido, o PMDB, não o repreende por ter posições diferentes. Barbosa também afirma que a Minas Arena tem lucro, mas continua recebendo recursos do Estado.



MOISES SILVA

# “A administração do Mineirão é prejudicial ao Estado”

**O senhor é um deputado do PMDB, e seu partido é da base do governador Fernando Pimentel, no entanto o senhor age de maneira mais independente em relação à orientação do partido. Por quê?** O PMDB sempre teve essa raiz. No PMDB eu posso criticar o Temer, o Sarney, o vice-governador, o Adalclever Lopes, ao contrário do que acontece em outros partidos. Fui um dos coordenadores da campanha de Alexandre Kalil em Belo Horizonte, contra uma candidatura do PMDB, e nem assim o partido teve retaliação. Eu vou sempre apoiar o governador em todas as grandes questões, tenho tido compreensão em várias decisões difíceis.

**Quais decisões?** Alguns reajustes de ICMS tiveram que ser feitos e a questão dos fundos, por exemplo. Particularmente não sou fã da maneira que os fundos foram montados, mas, no momento atual é necessário, tendo em vista que a alternativa para não criá-los é dar um calote no Estado, parar de pagar servidor e derrubar a economia do governo de Minas, igual se derrubou a economia do Rio de Janeiro e do Rio Grande do Sul. O problema desse mandato tem sido escolher entre o péssimo e o ruim. O Estado não se preparou. Nós estamos enterrados em nível de gestão pública, se gasta muito com o servidor, com Previdência. Acredito que o futuro da administração pública está em dar para os servidores ferramentas para que eles tenham mais produtividade e permitir que eles compartilhem de um orçamento maior no futuro. Mas nada foi feito. Eu

“A ALMG marca extraordinária para contar as sessões para poder votar os projetos mais rápido.”

me pergunto qual é a necessidade de 25 mil pessoas terem que ir ao UAI diretamente para utilizar um serviço do Estado, sendo que hoje, o Estado já poderia tecnologicamente chegar à casa das pessoas.

**E por que isso não está sendo feito? É uma crítica que o senhor faz ao governo?** Por falta de investimento. Isso é uma crítica que eu faço aos cinco últimos governos que não investiram na desburocratização. A maioria das empresas, hoje, por exemplo, não trabalha com holerite de pagamento, é tudo via internet. Pode parecer pequeno, mas a impressão de holerite para todos os servidores do Estado ultrapassa a cifra de milhões. O Estado não se preparou para isso.

**Qual seria então a postura que o governo deveria ter nesse momento de crise?** A postura do governo não está completamente errada, eles foram austeros em ní-

vel de administração. O que precisa ser discutido é o futuro. Não se consegue tirar o governo de Minas dessa situação em dois anos, estamos falando de mais de dez anos. É preciso rediscutir com os servidores o papel deles. O servidor precisa entender que, diferentemente do resto da população, ele é como se fosse sócio do Estado.

**O senhor acha que seria o momento de congelar salários?** Não acho. Como nós temos que conduzir isso com os servidores para os próximos tempos? Tem que parar essa febre de concurso atrás de concurso, a gestão pública tem que ser flexibilizada. O Ministério Público carregou essa bandeira de paralisação do Estado por meio de concurso e foi o primeiro a perceber, agora, durante a crise, que isso gerava problema. O MP pediu para a ALMG uma autorização para extinguir cargos concursados e substituí-los por de livre nomeação.

**O senhor votou a favor?** Votei. Sou completamente a favor e vou me justificar. Por exemplo, no desastre de Mariana, o fórum da cidade recebeu mais de 500 ações, o Ministério Público precisou designar um promotor para lidar com essa questão, mas ele não consegue levar nenhuma estrutura porque o assessor dele não pode ir, pois tem inamovibilidade, a estrutura do MP é congelada.

**O senhor vem lutando há um tempo pela CPI do Mineirão. Por que ela não foi aberta até hoje? O que deve ser investigado?** A CPI já não caminha há algum tempo dentro da ALMG por

pressões dos dois lados. O deputado consegue inquirir sem a CPI, e foi o que eu fiz. Busquei documento, peguei provas, protocolei no Ministério Público. Apresentarei esse relatório completo, com todas as provas que eu colhi nesses últimos dois anos sobre a questão da Minas Arena. Posso adiantar que tenho provas, o processo é bastante robusto. Praticamente substituí o trabalho da CPI, montei um relatório, juntei as provas e agora é a parte que a CPI faria, encaminhar para Ministério Público, Tribunal de Contas, Justiça e para a Advocacia Geral do Estado e para a Procuradoria Geral do Estado.

**O que o senhor suspeita que tenha acontecido?** Não suspeito, tenho absoluta certeza de que a gestão da Minas Arena é prejudicial ao Estado. Ela foi beneficiada por uma série de cláusulas que fazem lesão ao Estado, aos clubes que utilizam o estádio e ao bolso do consumidor. A Minas Arena foi beneficiada em uma fiscalização muito frouxa, ou seja, ela conseguiu colocar em um jogo uma receita de R\$ 2,5 milhões registrada

no borderô e falar para o Estado que recebeu R\$ 1,5 milhão. Tinha uma auditoria que estava obrigada a verificar isso, uma verificadora independente que fingiu que não viu. Depois que se analisam as documentações da verificadora independente, se vê que ela também está toda atrelada a esse processo fraudulento, com certidões e atos questionáveis.

**A origem dessa problemática contada pelo senhor no contrato foram o modo como ele foi gerado e a relação do Estado com a empresa?** Sim. A Minas Arena pega uma parte grande da principal receita que é a do futebol. Nos jogos do Cruzeiro, cerca de 65% deles são com prejuízo. É preciso 30 mil pagantes no Mineirão para poder empatar o custo. O Estado, que já tem prejuízo para todos os lados, ainda paga quase R\$ 180 milhões por ano para poder garantir uma receita mínima. Há quatro anos, a Minas Arena registra lucro no balanço, já tem quase R\$ 100 milhões de lucros retidos no balanço que ela publicou. E esse lucro não é compartilhado com o Estado. O Estado continua pagando como se ela estivesse operando no vermelho.

**Joesley Batista disse ter comprado parte do Mineirão. A delação reforça a denúncia?** Ele teria pagado 30 milhões por 3% da Minas Arena, o que avaliaria a empresa em R\$ 1 bilhão. Agora, o simples fato de parte da Minas Arena ter sido vendida sem a anuência prévia do Estado, de acordo com o contrato, isso geraria caducidade imediata, ou seja, o contrato teria que ser rescindido. A Mi-

nas Arena alega que não foi vendida porque os bancos não deram autorização, a empreiteira HAP, que é a acionária, alega que vendeu, que a venda está dentro da lei e que isso foi feito de maneira correta.

**Até que ponto essa situação vivida pelo presidente Michel Temer pode atrapalhar o desempenho de seu partido nas próximas eleições?** Vai afetar muito. Fico imaginando o tanto que o nome do partido fica sujo pela atuação individual dos integrantes. Se nós continuarmos com essa cultura, nenhum partido no Brasil vai prestar. Algumas pessoas me sugerem a sair do PMDB, e eu me pergunto: ‘Para onde eu vou? Vou para PT, PSDB, PV, PSB, PP, PR?’. Todos estão no meio da Lava Jato.

**O Aparte fez um levantamento da presença dos parlamentares da ALMG entre reuniões ordinárias e extraordinárias, e o senhor está entre os mais faltosos. Gostaria de saber o porquê de suas faltas?** Eu não estava entre os mais faltosos até vocês juntarem as extraordinárias com as ordinárias. E eu falto às extraordinárias por um motivo muito simples: a ALMG marca extraordinária de manhã, de tarde e de noite, para contar as sessões para poder votar os projetos mais rápido. É uma forma que o governo tem de pressionar a oposição. Eu fui vereador de oposição, nunca me chame para poder participar de um processo para atropelar uma base de oposição.

Leia a resposta da Minas Arena às declarações do deputado na página 11, ao lado

“É preciso 30 mil pagantes no Mineirão para poder empatar o custo.”